

**Escrita de si com e sem reservas:
memoriais acadêmicos femininos de titularidade
(USP – UNICAMP, 2000-2015) ***

Wilton Carlos Lima da Silva

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-1507-8017>

E-mail: wilton.silva@unesp.br

Resumo: O memorial acadêmico é um relato autobiográfico que se estrutura na confluência da exigência burocrática e da narrativa de si, se apresentando como uma manifestação privilegiada da memória de indivíduos que se destacam em suas carreiras profissionais, atingindo níveis superiores da carreira acadêmica. Neste artigo buscamos, a partir de treze memoriais acadêmicos de professoras aprovadas em concursos de titularidade nos Departamentos de História e Antropologia na USP e na UNICAMP entre 2000 e 2015, discutir algumas questões referentes à condição feminina, em particular, sobre as dimensões de classe, raça e gênero. O escopo documental também oferece elementos para a problematização dos processos de construção da escrita de si, tendo como referenciais a ego-história e a auto-etnografia, a partir de marcadores sobre origens familiares; herança, obra e legado, atividades profissionais; gênero e corporalidade.

Palavras-chave: Memorial Acadêmico; Memória; Ego-História; Auto-Etnografia.

192

**Self writing with and without moderation: feminine academic memorials held
(USP – UNICAMP, 2000-2015)**

Abstract: The academic memorial is an autobiographical account that is structured at the confluence of the bureaucratic requirement and the self-narrative, presenting itself as a privileged manifestation of the memory of individuals who stand out in their professional lives, reaching higher levels of the academic career. In this article, we sought, from thirteen academic memorials of professors approved in tenure contests in the Departments of History and Anthropology at USP and UNICAMP between 2000 and 2015, to discuss some issues regarding the female condition, in particular, about class conditions, race and gender. The documentary scope also offers elements for problematizing the processes of building self-writing, having ego-history and self-ethnography as references, based on markers about family origins; inheritance, work and legacy, professional activities and corporality.

Keywords: Academic Memorial; Memory; Ego-History; Self-Ethnography.

Texto recebido em: 17/09/2020

Texto aprovado em: 30/11/2020

Introdução

O patrimônio do silêncio.
Os livros acumulam-se pela casa.
Cobrem as paredes, enchem as prateleiras dos armários.
Aguardam-nos calados com suas páginas apertadas onde
o pó e a humidade se infiltram.
Disciplinados, exibem apenas o seu dorso curvo coberto
de pele, ou então magro, estreito, de papel.
A memória é um silêncio que espera, uma provação da
paciência.
(Ana Hatherly, *Tisanas*)

Em suas obras o escritor Saul Bellow (1915-2005) busca caracterizar a sociedade norte-americana como um período neobizantino de poder, riqueza, egoísmo arrogante e divisão social, no qual a inteligência deve lutar contra o materialismo na defesa de um humanismo contemporâneo. Em *Herzog* (1964) o autor apresenta como personagem um intelectual que, em uma crise de meia-idade, frustrado com sua profissão e traído pela mulher que o trocou por seu melhor amigo, escreve seguidas cartas, nunca enviadas, em que discute as agruras e alegrias da vida com os grandes filósofos da modernidade de modo que a herança greco-romana e iluminista são os caminhos pelos quais o personagem busca compreender-se e ao mundo.

Em certa medida, o intelectual não tem como abrir mão daquilo herdado e que o define no plano cognitivo, embora tal legado recebido seja absorvido de forma particular por cada um de seus beneficiários de forma que, infelizmente, não é por se saber o que é neurose que se está livre de suas manifestações, assim a compreensão do mundo de uma maneira disciplinada a partir de um quadro de referências com limites rigorosos, entre eles a verificação ou a validação pelos pares, não garante a objetividade, o descarte de preferências e preconceitos pessoais, ou mesmo a certeza de que a percepção não está distorcida por algum julgamento normativo.

Se a atividade intelectual é particularmente estimulante a partir do momento em que se converte em descoberta, e oferece muitas vezes maior excitação não em encontrar o totalmente novo, mas sim em perceber a transformação do sentido daquilo que lhe é familiar, a escrita autorreflexiva é uma oportunidade para o encantamento e a transformação da consciência.

No caso brasileiro, os professores produzem significativa documentação ao longo de suas carreiras, importantes vestígios para a construção e a reflexão sobre a memória universitária do país. Todavia, tais documentos, como atas, programas, livros, cadernos e diários de campo, entre outros, ainda não ocupam um espaço específico nos arquivos universitários, ficando distribuídos em salas, depósitos ou bibliotecas pessoais, o que dificulta a pesquisa que se destina a enfocar tais fontes, muitas vezes entendidas como não convencionais².

A presente pesquisa buscou organizar e analisar memoriais acadêmicos de concursos de livre-docência e de titularidade³ nos Departamentos de História e de Antropologia da USP e da UNICAMP entre 2000 e 2015, entendendo tais documentos como fontes privilegiadas de narrativas autobiográficas dos docentes⁴, enquanto relato de uma trajetória profissional e pessoal daqueles que desejam alcançar os maiores cargos⁵, assim como vestígios do funcionamento e das estruturas institucionais das universidades brasileiras⁶.

Em ambas as instituições não existem listas com os professores que defenderam a Livre-Docência e a Titularidade, portanto, a partir de um levantamento junto aos departamentos foi elaborado um rol de professores que trabalharam e se aposentaram no período pesquisado e a partir disto se desdobrou o recolhimento da documentação.

Quando iniciamos a pesquisa no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, na UNICAMP, não havia o arquivamento dos memoriais, entendidos como parte descartável dos processos burocráticos de ascensão profissional dos acadêmicos, e ao longo do período de pesquisa iniciou-se a busca de recolhimento dos documentos deste tipo junto aos docentes, que passaram, depois de um contato nosso com as coordenações dos cursos, a serem arquivados na biblioteca do IFCH⁷.

Na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na USP, por sua vez, alguns poucos memoriais estão disponíveis em plataforma digital da instituição, mas não só são um número ínfimo entre os que analisamos, e realizamos cópias xerográficas e posterior digitalização dos memoriais arquivados no Centro de Apoio a Pesquisa Histórica – CAPH⁸, material que encontrava-se guardado em caixas plásticas, agrupadas em ordem alfabética, e ainda catalogadas de forma inicial (a listagem dos documentos não apresenta o ano de sua origem ou de entrada no acervo, além de faltarem outros dados e existirem pequenos erros).

Os memoriais, em sua maioria, não apresentam maiores heterodoxias em sua constituição de forma ou conteúdo⁹, embora alguns que se mostram como diferenciados ao buscarem um maior apuro estético ou maior ambição literária, com utilização de diferentes padrões de encadernação e impressão (tipo, tamanho e gramatura do papel, modelo de encadernação e fontes escolhidas), assim como uso de fotografias, poesias autorais, cartas, análise de poemas que interagem com a narrativa, exercícios de autocrítica sobre a prática da escrita do documento, ou ainda sua parcela de verdade ou ficção.

A amplitude dos temas e a diversidade de conteúdos das fontes nos incentivou a propor um recorte que frisasse as dimensões de classe, raça e gênero presentes nestes textos autorreflexivos, uma primeira classificação operada no contato com os documentos foi a divisão por gênero do narrador (masculino x feminino), departamento (antropologia x história), de maneira que reunimos treze memoriais de titularidade, um corpo documental com quatro memoriais de antropólogas, escritos por Lilia K. Moritz Schwarcz (2005) e Sylvia Caiuby Novaes (2010), da USP, Vanessa R. Lea (2010) e Heloísa André Pontes (2014), da UNICAMP, e nove de historiadoras, sendo três da UNICAMP, Maria Stella Bresciani (2002), Luiza Margareth Rago (2003) e Silvia Hunold Lara (2009), e seis da USP, Eni de Mesquita Samara (2000), Maria Helena Rolim Capelato (2006), Vera Lúcia do Amaral Ferlini (2007), Maria Helena P. Toledo Machado (2010), Zilda Maria Gricoli Iokóí (2010) e Sara Albieri (2013)¹⁰.

No processo de leitura e fichamento estabelecemos uma organização a partir dos dados gerais (nome, instituição, áreas de atuação, grupo de estudo, orientadores, cargo almejado, ano de elaboração do documento e número de páginas), as características físicas e estruturais dos documentos (questões de forma, tipo de conteúdo e organização interna) e o mapeamento de conteúdos (vida familiar, vida escolar, desenvolvimento acadêmico, reflexões sobre a condição de gênero na universidade, interferências pessoais, importância do desenvolvimento do memorial).

Observamos que muitas vezes o que define as questões de gênero nos memoriais femininos não é uma crítica direta ao patriarcado ou o relato sobre alguma situação que teve imposição direta pelo narrador *ser mulher*, mas sim o contraste com os memoriais masculinos nos quais aspectos relacionados com a criação dos filhos, casamentos, separações, doenças são assuntos pouco narrados,

enquanto nos relatos das historiadoras e das antropólogas observa-se com mais frequência esses assuntos presentes nas narrativas.

Tais diferenças sinalizam a existência de uma inegável “masculinização” das posições mais altas da hierarquia acadêmica, o que pode ser observado em diversas esferas e que afeta, portanto, a distribuição do acesso às oportunidades e como consequência produz uma sub-representação feminina em alguns níveis de estratificação no interior da universidade brasileira (VELHO; LEON, 2012).

Tomassini (2013, p. 16-17) afirma que há uma especificidade no processo de segregação das mulheres nas áreas internas da universidade quando comparado aos similares em outras áreas, como a política ou o mercado de trabalho, e em seu estudo, que analisa os campos da engenharia e da computação no Uruguai, conclui que mulheres constroem um percurso com mais descontinuidades e obstáculos (afetadas pelo acúmulo de maiores responsabilidades com suas proles), o que se traduz como uma desvantagem para as mulheres e que tais dificuldades são maiores no início das carreiras (até por uma questão de tendência social dos ciclos reprodutivos).

Os memoriais apresentam, em nosso entender, uma dupla natureza, pois devido à sua função institucional, definida pela tradição local e fixada pelo edital, essas fontes caracterizam-se como egodocumento/autodocumento¹¹, ou seja, documentos corporativos com narrativas que possuem como ponto de partida a manifestação da individualidade e que podem ser vistos como reflexos das relações coletivas, de valores, de mentalidades e da dinâmica existente entre a instituição e o indivíduo, ao mesmo tempo em que, por permitirem uma narrativa autorreflexiva, com as nuances e particularidades de cada narrador, são também uma escrita autobiográfica¹².

No memorial acadêmico o “pacto autobiográfico” (LEJEUNE, 2008) realizado com o leitor é iniciado antes mesmo da escrita, uma vez que, por ser uma exigência burocrática no interior de um concurso público de provas e títulos, espera-se que o candidato desenvolva um texto sólido e verdadeiro sobre sua trajetória intelectual e profissional, ao mesmo tempo em que tais narrativas também contam com formas flexíveis de explicar as “verdades” expostas, a exemplo de recursos como citações e paráfrases ou mesmo apresentação de documentos oficiais, como currículos, cartas, fotografias, entre outros.

No contato com tal documentação, deparamo-nos com dois grupos distintos de memoriais: o primeiro com textos onde foram mais filtradas as informações sobre o espaço individual e coletivo, contendo uma escrita mais cartesiana, onde os aspectos mais explorados são voltados para as etapas e a trajetória dentro do ambiente universitário, e outro em que, através de uma escrita mais hermenêutica, com forte componente autobiográfico e memorialístico, os textos apresentam a carreira como entremeada com a experiência pessoal e as esferas políticas, culturais e sociais do período abordado.

Ao optar por uma abordagem mais cartesiana, com maior proximidade com o modelo de *curriculum vitae*¹³, o autor-narrador utiliza-se dos referenciais mensuráveis, como o discurso de um terceiro (o conjunto de instituições que legitimam os títulos, os prêmios e as métricas) que fale sobre sua trajetória, de modo que a quantidade de graus acadêmicos, de livros, capítulos, artigos e orientandos, por exemplo, diz mais sobre ele do que detalhes sobre as relações, qualidade dos trabalhos e esforço desenvolvido para conseguir tais feitos, que poderiam ser distorcidos pela personalidade.

Portanto, embora o desenvolvimento de um texto autorreflexivo sobre escolhas e conquistas individuais possa ser visto inicialmente como algo fácil e simples, uma vez que, enquanto pesquisadoras as autoras são bastante familiarizadas com a prática de expressar-se pela palavra escrita, quando realizamos as primeiras leituras percebemos o incômodo que escrever um relato autobiográfico pode gerar nessas mulheres, sendo bastante comum que os memoriais se iniciem com digressões sobre o exercício de autorreferenciação¹⁴.

Titularidade e condição feminina

A construção do memorial para pesquisadores das ciências humanas é uma experiência dotada de uma dualidade bastante particular, pois ao mesmo tempo em que o autor tem relativa familiaridade com a palavra escrita e boa parte de seu trabalho se relaciona com atividades narrativas, por outro lado, a escrita autorreflexiva não é, em geral, algo recorrente na vivência de pesquisador e, ainda, mesmo aqueles que encontram maior prazer na adoção de um tom mais confessional têm limitadas algumas possibilidades de conteúdos ou formas de abordagem devido à finalidade burocrática do documento.

Por isso, alguns lugares comuns se fazem presentes nos textos, como a própria reflexão sobre o (d)escrever-se, acentuando as dificuldades ou facilidades da escrita autorreflexiva, sobre a tensão entre o passado vivido e a memória reivindicada, e as possibilidades e impossibilidades de compartilhamento da experiência.

Depois de escrever alguns livros e muitos artigos, parece fácil, à primeira vista, redigir umas poucas páginas sobre o próprio percurso intelectual. Pois não é. Antes de mais nada, é difícil reconstruir uma trajetória notando e alinhando continuidades. Soa estranho buscar coerência em decisões, muitas vezes, marcadas por embaraços contextuais, hoje um pouco distantes no tempo. Mais complicado, ainda, é perceber que o passado, no meu caso, é um tanto recente (SCHWARCZ, 2004, p. 3).

A leitura desse texto (o livro *Pensando com a História*, de Carl Emil Schorske) foi muito instigante porque me permitiu constatar algo um tanto óbvio: ao mesmo tempo penso sobre a história e penso com a história. Isto significa que a história faz parte da minha vida num sentido muito amplo e profundo. Mas, retomo aqui Schorske, mencionando um ensaio que faz parte do referido livro intitulado "El autor: encuentro con la historia", no qual ele afirma que, ao rememorar sua vida de trabalho e refletir sobre ela, passou a entender a autobiografia como uma história pessoal, ou seja, uma construção narrativa, que supõe recordar e esquecer, evocar uma parte de nosso passado e reprimir outra. No entanto, comenta que a maioria dos autobiógrafos definem o passado dentro de uma estreita faixa da experiência pessoal e fazem poucas referências ao mundo que existe fora dela. (...) E completou que, ao escrever uma autobiografia, pensar com a história nos ajuda a colocar uma certa distância com respeito a nós mesmos, já que nos vemos ao mesmo tempo como seres conformados pelas estruturas e conflitos da sociedade e seres que respondem de um modo criativo as pressões que elas exercem (CAPELATO, 2006, p. 3- 4).

O memorial é identificado como uma “atualização do passado” através da lembrança, em que refletir sobre os “caminhos trilhados” e expor a sua própria percepção sobre eles, trazem de maneira inevitável questões como “lugar de pertencimento”, “papel social” e “função no grupo”, com particular destaque aos trechos nos quais a importância da escolha da profissão é narrada.

Essa atualização do passado casa-se às mil maravilhas com o dever de ofício do historiador e a exigência acadêmica de redigir um memorial. Memorial cuja ambição afasta toda e qualquer esperança de síntese, devendo, entretanto, pautar-se pela regularidade e clareza, relacionar e classificar, conferir lógica e fatos esparsos, a decisões pouco objetivas, a impulsos afetivos tão cruciais para os caminhos poucas vezes únicos e irreversíveis da vida universitária. Os recursos a anotações significam, principalmente, desviar-se da tentação de rememorar as leituras e divagações nas tardes de domingo paulistanas, a casa adormecida, céu entre azul e cinzento recortado pela janela, enquadrando imaginárias cenas da vida

pública na Atenas do século IV a.c., tal como sugeridas pelas páginas ilustradas do *Thesouro da Juventude*. Seria um despropósito e uma armadilha estabelecer um liame, por mais tênue que fosse, com lembranças infantis nebulosas, embora persistentes. E, no entanto, elas teimam em percorrer o pequeno trajeto entre a mente e as pontas dos dedos, em fixar seu lugar na escolha da História como profissão, decisão tardia e não antevista pela menina em seu tempo escolar. E que, no entanto, emerge no reconhecimento do prazer proporcionado pelo visitar por meio da imaginação tempos passados, fazer conjecturas, entrar na máquina do tempo (BRESCIANI, 2002, p. 3).

Identificamos que algumas narradoras, principalmente na história, tecem um pequeno texto sobre “o que é uma autobiografia” sendo comum que citações e a referência a alguns autores, com produção sobre o tema ou correlatos, são utilizadas para dar corpo ao texto, diferente do que acontece na antropologia, onde as narradoras não apresentam tantas preocupações com a justificativa na narrativa autorreferenciada, talvez porque o *ethos* do campo incorpore com maior naturalidade tal dimensão.

Ainda, de acordo com o objeto de estudo da pesquisadora, o memorial torna-se um espaço de debate sobre práticas culturais e políticas, onde algumas situações pessoais são lembradas ou a importância de estudar certos fatos, textos ou autores são pontuados, e em relação aos fatos históricos e a forma como são compreendidas as vivências dessas autoras como indivíduos e como se alteraram as relações em determinados grupos.

Enfim, todas essas experiências que relatei tem significados sentidos próprios na minha trajetória e só posso dizer que é muito bom poder olhar para o passado e se sentir parte de uma geração que lutou por mudanças e que mesmo enfrentando fracassos, aprendeu a fazer da vida um ideal a perseguir e a contemporizar os dissabores quando aparecem (SAMARA, 2000, p. 54).

As mudanças que assisti e vivi, tanto no contexto internacional como nacional, ora produziram entusiasmo, ora desencantos ou desilusões. Ao longo da minha trajetória me senti compelida a assumir uma postura crítica diante dos resultados de antigos projetos políticos que acalentaram meus sonhos de um mundo melhor e a rever os paradigmas do conhecimento histórico que orientaram, por muitos anos, a minha reflexão acadêmica e a minha prática política. No entanto, diante de tais mudanças não assumi uma atitude cética ou desesperançada (CAPELATO, 2006, p. 4).

Mas esses também foram anos de novas liberações. Os tempos eram diferentes: algumas colegas viravam feministas; outros militavam no movimento homossexual; outros, ainda, passavam a defender a preservação do meio ambiente. Eram muitos os elementos de dispersão e, em meio a tantas motivações de ordem diversa, fazer ‘política séria’ e entender formas diversas de participação social eram

parte da nossa agenda, que incluía ler os ‘clássicos’ e experimentar os ‘novos clássicos’. Os grandes partidos já não respondiam tanto a imaginação, e nessa época os movimentos sociais despertavam a atenção para suas reivindicações. ‘Somos todos gays, lésbicas e negros’, dizia a faixa em frente ao Teatro Municipal, no ano de 1980, convidando todos a aderir as novas causas (SCHWARCZ, 2004, p. 4).

A existência às referências contextualizantes não necessariamente desdobra-se em problematização da vivência, se mantendo muitas vezes restrita ao universo mais próximo das escolhas pessoais e de suas consequências, embora esses relatos estejam presentes nas antropólogas e nas historiadoras apresentam-se com distinções na forma de pontuar esses acontecimentos, pois em geral as historiadoras baseiam-se fortemente nas dimensões conjunturais, de maneira que, em cada ação dentro e fora da universidade alguns fatos são apontados como justificativas para certas ações, enquanto as antropólogas constroem descrições que tendem a se esgotarem em si, sem a necessidade de reivindicar o contexto vivencial, de modo que a narradora observa mais a si mesma e a universidade do que o contexto nos quais esses se inserem, criando memórias com menor amplitude conjuntural, mas talvez maior profundidade vivencial.

E, afinal, o que é o ofício do antropólogo, senão a busca da alteridade esse movimento que leva a procurar no ‘outro’ o próprio ‘eu’ e sua afirmação. Mais do que isso, a descoberta do ‘outro’ e sua compreensão realiza transformações no sujeito e em sua própria percepção. Por isso, talvez, a Antropologia nunca tenha primado por ‘falar sobre’, mas, antes, por ‘falar com’. E, nesse sentido, este memorial é também um exercício de alteridade. Termino-o, de certa forma, ‘alterada’, como se tivesse olhado de esguelha para mim mesma, e estranhado (SCHWARCZ, 2004, p. 75-76).

Outro marcador discursivo presente nas narrativas, em geral, é o acerto de contas com o tempo, em que o concurso e a ascensão profissional marcam não só uma conquista profissional, mas também uma mudança significativa no interior de um ciclo vital, que continuará em novo patamar, com a manutenção de tarefas, realização de novas obras e conservação de relações, mas com uma posição acadêmica diferenciada. Esse rearranjo de posição e prestígio, a Titularidade, se legitima, entre outros aspectos, pela dimensão temporal, em que é apresentada como consequência de uma dedicação de longo prazo, a maior parte de suas vidas, aos círculos acadêmicos e intelectuais.

No entanto, a longa experiência pode trazer consigo o esquecimento, a omissão, o erro e a inexatidão, ao mesmo tempo em que o *ethos* profissional preconiza a memória, a diligência, a veracidade e a precisão, de maneira que é necessário balancear as expectativas conforme as próprias experiências:

Quero alertar meus leitores que preservo meu direito ao esquecimento, pois ele é necessário tanto para a sociedade como para o indivíduo. É preciso saber esquecer para apreciar o presente. É preciso esquecer o passado recente para encontrar o passado antigo. Lembrar ou esquecer é fazer um trabalho de jardinagem, selecionar, podar. As recordações são como as plantas: há aquelas que são preciso eliminar rapidamente para ajudar as outras a desabrocharem (IOKOI, 2010, p. 17).

As mudanças de conjuntura se entrelaçam de tal forma as minhas mudanças pessoais que jamais conseguiria separá-las. As resistências e adaptações aos novos tempos que resultaram na construção, desconstrução e reconstrução de ideais, sonhos, utopias, ilusões, estarão presentes nas entrelinhas deste texto (CAPELATO, 2006, p. 4).

O direito de esquecer ou narrar de outras maneiras de acordo com o local de enunciação é, portanto, um dos pontos-chaves para compreender o motivo de algumas das lacunas nessas narrativas, ora porque a narradora esquece do fato, ora porque lembra de outra forma ou constrói a narrativa com omissões e ocultamentos. Entre este tipo de situação, a enumeração e as considerações sobre frustrações, fracassos e rupturas, como perdas acadêmicas, o não-aceite de bolsas, os projetos que deram errado e as relações que foram cortadas ou se perderam, são exemplos recorrentes.

Em termos redacionais é possível a constatação de diferentes “eus” em tais narrativas, sendo que os narradores podem se referir a si mesmos como “eu”, “o candidato” ou “ele”, buscando, a partir do distanciamento criar um efeito de objetividade.

Família, infância e classe social

Por sua vez, as memórias da infância se caracterizam por uma enorme carga emotiva, dificilmente não nostálgica, em uma relação na qual a *mesmidade* e a *ipseidade* parecem se deslocar para um campo do sensível, com a afirmação de emoções e sensações já experimentadas, detalhes sensoriais como as cores, os

aromas, as texturas, os sabores e as formas são valorizados, a utilização de adjetivos e advérbios é mais numerosa, e busca-se afirmar veracidade da vivência que é testemunhada, características que tendem a desaparecer no texto quando se refere a períodos menos distantes e que se apresentam cada vez mais dominados pela dimensão pública.

Uma característica recorrente, quase um “era uma vez”, é a contextualização do ingresso na vida acadêmica, o que pode se iniciar pela vida propriamente universitária ou se projetar para as origens familiares, que seriam um indicador de origem social e de condição de classe.

Entre os memoriais analisados no presente artigo, tal regressão temporal, embora tratada de forma diversa quanto à extensão e à profundidade, quase sempre mostra o que antecede a vivência acadêmica e apresenta indicações sobre as origens de classes médias ou altas das autoras-narradoras, de modo que referências sobre características familiares (profissão dos pais), descrição da infância e escolaridade, com a presença ou ausência de viagens e cursos de idiomas, a descrição do contexto vivencial na adolescência e entrada na idade adulta, oferecem elementos para possível caracterização de pertencimentos de classe e/ou raça.

As descrições das origens familiares, que oscilam entre o assinalar a origem humilde e as superações necessárias ao longo da trajetória ou as oportunidades “burguesas” que contribuíram para uma formação diferenciada e que produziram qualidades intelectuais, encontram relativo destaque.

Entre os relatos do primeiro grupo, o da superação de condições adversas e da exclusão social, o memorial de Iokoi merece duplo destaque, por tratar-se de uma trajetória feminina, de personagem de origem bastante humilde e estigmatizada pelas sequelas da poliomielite, e no qual os antepassados e os irmãos são descritos de forma emocionada¹⁵ e com uma sinceridade incomum:

A casa situada em um terreno em aclive fora construída com telhado de uma só água e abrigava com quatro cômodos, uma família de dez pessoas na Rua Croata, número 36, Vila Ipojuca, subdistrito da Lapa, em São Paulo. Ali, instalou-se José Grígolli, com sua família composta pela mulher, Rosa Vanno e sete filhos: Giacomo, Palmira, Osmar, Ayres, Older, Luiz e Dóris. Antes, viveram parte em Taquaritinga e parte em Marília, no Estado de São Paulo. O pai de José imigrou para o Brasil em 1898 e se instalou com os demais membros da família em Presidente Prudente. Como outros imigrantes foi colono em muitas fazendas de café. José não seguiu a saga da família. Procurou profissão urbana. Tornou-se tintureiro e

foi se especializando em passar roupas de linho e chapéus de feltro. Chegou a São Paulo em meio a Segunda Guerra Mundial, no ano de 1942, trazendo além da mulher e filhos, Anna Rinaldini, minha mãe, casada com Giacomo, o mais velho dos filhos. Dois fenômenos perseguiram a família: deslocamentos contínuos, ausências, perda de raízes, com a conseqüente dificuldade em manter elos afetivos, distâncias e muitos vôos prolongados, como o das Andorinhas em busca do verão; e o imaginário de serem todos italianos - identidade inventada pelos mais velhos, que lhes garantia um sentido de superioridade em relação aos vizinhos pobres dos bairros rurais, e depois urbanos, nos quais passaram a viver (IOKOI, 2010, p. 13-14).

Lea (2010, p. 2-3), de forma contrastante, não só não expõe detalhes mais íntimos como também elenca motivos para ser inserida no segundo grupo, o daqueles que, privilegiados, usaram suas opções para refinamento de suas sensibilidades e intelectos, de modo que identifica a gênese de seus interesses acadêmicos na infância, quando morou em Liverpool, tendo grande proximidade com famílias de cónsules oriundos de países latinos, além da vivência compartilhada com estes na escola. Ela também se refere à sua primeira experiência de ensino, em Valência, na Espanha, aos 15 anos, onde deu aulas particulares de inglês e entrou em contato com a cultura da América Latina. A formação escolar é identificada por ela como um sólido alicerce intelectual e cultural, que definiu gostos, interesses e aptidões para a universidade, através do contato com uma cultura letrada e erudita.

Pontes (2014), por sua vez, apresenta uma narrativa que se inicia com o ingresso na universidade e os caminhos intelectuais possíveis, ao mesmo tempo em que minuciosamente detalha escolhas e desdobramentos que mostram uma abordagem subjetiva e autorreferente, omitindo as relações extra-acadêmicas, que não são nunca contempladas, deixando-nos sem maiores informações sobre o que antecede a vida universitária e o seu cotidiano.

Schwarcz (2005, p. 3) não contextualiza sua origem familiar e sua infância, mas identifica o Colégio Vocacional,¹⁶ no final da década de 1960, durante sua adolescência, como o fator de estímulo para o desenvolvimento de certas habilidades e potencialidades (“na prática de seminários, nos trabalhos de equipe, conheci a lógica de ‘participar’ e entendi o que significava informar e formar”), enfocando, no entanto, mais a estrutura, os conteúdos e os objetivos da formação escolar do que suas particularidades pessoais.

E ainda Novaes (2010, p. 4), que escreve uma introdução de duas páginas, com ponderações sobre a trajetória pessoal, o capital cultural já acumulado antes

do curso universitário e a escolha pelas Ciências Sociais em um momento tenso da vida político-institucional do país, em 1968, sem referência às origens familiares, apenas mencionando a “formação pré-universitária em colégios leigos e particulares” (com citação nominal do tradicional colégio Dante Alighieri) e a enumeração de três anos de italiano, seis de francês e alemão e onze anos de inglês (com um intercâmbio de três meses nos Estados Unidos), assim como cursos de formação complementar de história da arte, fotografia e pintura, além da frequência a teatros, cinemas e exposições, que surgem como um alicerce cultural humanista.

Raça, gênero e feminismo

A questão de raça, por sua vez, é algo quase inexistente e, infelizmente, ainda é uma ausência sentida em relação a praticamente todos os memoriais pesquisados nas duas instituições, haja vista a baixa representatividade de negros entre os professores universitários atualmente e, mais ainda, em períodos anteriores, nos quais políticas inclusivas inexistiam¹⁷.

Conforme já apontado anteriormente, a questão de gênero apresenta-se como um enorme desafio para ser utilizada como marcador discursivo, justamente na tentativa de delimitação daquilo que seria exclusivo da condição feminina e, mais ainda, como indicador legítimo de uma tradição misógina dentro do campo intelectual.

Observa-se a raridade de referências diretas à tal questão, entre as professoras-narradoras, mulheres que transitam em um ambiente no qual o feminismo é legitimado, mesmo que mais em termos retóricos do que práticos, e o progresso no espaço do trabalho é visto como algo para todos, de maneira que ainda é possível notar opressões, cargas e pensamentos compartilhados entre elas meramente pelos estereótipos depositados no feminino.

Por outro lado, referências ao feminismo ou à forma como a questão de gênero impactou as pesquisas desenvolvidas pelas autoras-narradoras, se não são uma recorrência, também não constituem uma ausência, como Lea (2010, p. 41-42) que enumera seus trabalhos acadêmicos vinculados ao tema ou Samara (2000, p. 53 – 54) que historiciza as origens de seu interesse:

E com isso resolvi terminar essa parte do meu Memorial, falando de projetos que me são muitos caros, mas dos quais até agora não cheguei a resultados concretos. No entanto, isso retrata também um outro lado do meu perfil, no gosto que tenho pelos desafios e tarefas difíceis. E do mesmo modo, são indicativos de como vejo a vida acadêmica com desdobramentos dentro e fora da universidade. No caso da ONG *Elas x Elas na Política*, era um continuamento natural das minhas atividades como pesquisadora, docente e orientadora na área de História das Mulheres e do meu interesse desde o início dos anos 70 pelo feminismo, quando aluna da Universidade de Indiana e leitora ávida de Betty Friedan, Margaret Mead, Caroline Bird, Sheila Rowbotham, Susan Brow Miller e Ann Oakley apenas para citar algumas das estudiosas que marcaram a minha formação intelectual. Depois vieram as leituras de livros e coletâneas referentes à América Latina, organizadas por Ann Pescatello e Asuncion Lanvrin e as conversas constantes com Charles Boxer com quem fui assistir a conferência de Maria Barreno, no outono de 1975 que se encantou com o assunto e, a partir daí, resolveu rever o seu imenso acervo documental sobre o Império Colonial Português e escrever *Mary and Misogyny: women in iberian expansion overseas, some fancies and personalities*. Posso dizer, portanto, que tive o privilégio de acompanhar de perto o início desse movimento, especialmente no mundo intelectual e de ver o esforço que as mulheres acadêmicas fizeram para a criação dos *Women's Studies* nos Estados Unidos, face as dificuldades de desenvolver os programas específicos sobre o tema nos seus respectivos departamentos de origem.

No caso de Pontes, cuja dissertação de mestrado, defendida em 1986, era sobre o SOS-Mulher e as práticas feministas, as tensões entre militância e vida acadêmica são apontadas claramente:

Tendo iniciado a vida profissional com uma pesquisa de campo sobre o movimento feminista, do qual inicialmente participei como militante, me vi às voltas no decorrer da pesquisa com os problemas postos pela relação sujeito e objeto e com as dificuldades para traduzi-los em chave etnográfica. Para levar adiante a pesquisa fui me distanciando da militância, sob pena de não fazer nem antropologia nem política. No movimento feminista passei a ser vista como uma militante pela “metade”, enquanto na academia, corria o risco de não ser reconhecida como pesquisadora por estar comprometida demais com o meu objeto. Para sair do impasse em que me vira colocada – o de estar em lugar algum, que é o mesmo que estar no pior dos mundos – tive que objetivar a minha própria experiência em conjunto com a experiência das militantes que eu pesquisava. Nesse esforço de objetivação e no compasso analítico que lhe confere forma e direção, fui me distanciando dos pressupostos e das motivações iniciais que me levaram ao feminismo, ao mesmo tempo em que procurava uma forma expressiva de apresentar a etnografia (PONTES, 2014, p. 12).

Se o feminismo, no qual as relações entre a persona militante e a intelectual são problemáticas pelas exigências distintas e eventualmente excludentes que possam apresentar, não aparece de forma direta nos relatos autorreflexivos aqui

abordados, a identidade pessoal inevitavelmente é permeada por seus referenciais e mescla-se nas tramas do discurso.

A temática de gênero, por sua vez, que poderia ser apontada a partir das exposições sobre as exigências da maternidade, os casamentos, o trabalho e a distribuição das responsabilidades e das tarefas domésticas, embora tais tópicos apareçam de forma bastante tímida na maioria dos memoriais femininos, enquanto nos masculinos são simplesmente ausentes.

Assim, em relação às narrativas destas mulheres, optamos por escolher e definir o que seria um ponto “feminino” ou de “gênero” a partir de questões sobre as expectativas de comportamento e ação depositadas sobre as mulheres¹⁸ no contexto em que empreendem a carreira universitária, da graduação à consolidação da carreira, a saber, entre as décadas sessenta e noventa, e que permite que na década e meia seguinte (período do recorte temporal da pesquisa) possam reivindicar a titularidade¹⁹.

Corporalidade e afetos

A pequena presença de referenciamento de aspectos sobre a condição feminina, a corporalidade ou a especificidade da mulher na universidade surgem, então, como uma pista tanto de uma subjetivação individual como também de um *ethos* grupal, no qual tais temas poderiam ser vistos como uma fragilização e incapacidade de suportar o ambiente hostil e competitivo, tal qual o infame ditado popular “o bom cabrito não berra”.

A corporalidade só se apresenta em três situações específicas: nas descrições da gravidez e suas consequências, no envelhecimento do corpo e suas sequelas, e na doença ou morte de pessoas próximas.

Neste aspecto, Iokoi (2010), que sofreu sequelas da poliomielite na infância é um forte exemplo ao narrar suas limitações físicas com o passar dos anos, inclusive utilizando-se de inúmeras metáforas (em especial a “escada”) para unir as dificuldades de locomoção com problemas encontrados durante a sua trajetória.

Retomando a questão do binarismo nos discursos, a temática mais abordada nos memoriais femininos e a que menos é tocada nos memoriais masculinos é a maternidade e/ou a paternidade, sendo apresentada dentro da narrativa de inúmeras maneiras, utilizada como justificativa para entrada ou saída de emprego,

fonte de inspiração ou item decisivo para escolhas na carreira ou, ainda, como suporte emocional fundamental.

A maternidade ocupa diferentes espaços de acordo com a narradora, sendo que em geral aparece como uma rápida referência, quase uma informação adicional sobre a existência de filhos ou do momento em que esse fato se relacionou de forma mais direta com a vida acadêmica.

Esse espaço voltado para o cuidado dos filhos estabelece, portanto, cortes na vida acadêmica dessas mulheres que podem significar: queda na produção, orientandos e aulas ou pausas devido às dificuldades de manter estabilidade emocional e disponibilidade física nos dois espaços, pois significa que o tempo será dividido e a carga de trabalho multiplicada.

Devido a minha precoce profissionalização como professora do segundo grau do Colégio Santa Cruz, cargo que passei a ocupar desde 1977 e as minhas responsabilidades como mãe de um filho pequeno, meu retorno à universidade no curso de pós-graduação não ocorreu imediatamente após o término da graduação e apenas se efetivou após certa hesitação (MACHADO, 2005, p. 3).

Ingressei no curso de História em 1968 e terminei a graduação em 1971: essa foi a fase mais dinâmica da minha vida. Meus dois filhos nasceram nesse período, mas consegui conciliar a vida familiar com a dos estudos e a militância política também encontrou espaço nesse turbilhão de atividades (CAPELATO, 2006, p. 5 – 6).

Em 1973, com as filhas maiores e alguma folga econômica, decidi inscrever-me no vestibular para o curso de História da Universidade de São Paulo. Nos dez anos fora da Universidade, consolidara-se essa opção. No secundário, sempre fora boa aluna de História: interessava-me, tinha facilidade de articulação, de redação, de memória. Mas gostava também de Geografia, de Matemática, de Português. Pensei, até em cursar Direito, em 1968. Mas a História sempre me pareceu o nível mais articulado do conhecimento, o desvendamento da anatomia social (Talvez desde o primeiro livro que li: História do Brasil para Crianças) (FERLINI, 2007, p. 7 – 8).

Neste aspecto o memorial de Albieri (2009) apresenta um diferencial, pois as consequências da maternidade são citadas em alguns momentos, com diferentes formas de referência à experiência:

Terminei a graduação em quatro anos, em 1972, e tinha um grande sonho: prosseguir os estudos na França. Candidatei-me e ganhei uma bolsa de estudos do governo francês para fazer meu mestrado em Paris. Derrida me aceitava como ouvinte de seus seminários na École Normale, mas ali não havia teses. Então Barthes assumiu a orientação na École Pratique des Hautes Etudes. (...) De todo modo, não pude continuar em Paris. Grávida de meu primeiro filho, complicações fizeram-me voltar ao Brasil para contar com o apoio de

minha família. Apoio tornado imprescindível quando do nascimento do segundo, logo em seguida. Candidatei-me então ao Mestrado em Filosofia na USP (ALBIERI, 2009, p.10).

Foi um plano familiar tentarmos a sorte em Florianópolis. Pensávamos, como bons paulistanos, que seria mais fácil criar filhos fora da metrópole. Atraídos pelas belezas naturais e pela promessa de uma vida calma, meu marido pediu transferência de seu cargo no Banco do Brasil, enquanto eu fiz concurso para professor auxiliar no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (ALBIERI, 2009, p. 14).

Trabalhei na tese em São Paulo por quatro anos. Nesse tempo tentei, e obtive, uma bolsa-sanduiche da CAPES para trabalhar com Baier em Pittsburg. Com quatro filhos, dois pequenos e recém-separada, a tarefa revelou-se maior do que meu sonho permitia avaliar. Desisti da viagem, mas continuei a pesquisa com persistência (ALBIERI, 2009, p. 17).

A narrativa de Novaes (2010, p. 16), na qual relata que se manteve por três meses juntamente com suas três filhas na casa de uma noiva, no Paquistão, durante um trabalho etnográfico talvez seja a única citação no corpo dos memoriais em que maternidade e trabalho coabitam, e que a experiência não é vista como um obstáculo ao trabalho.

Tal excepcionalidade da maternidade como algo não-excludente da prática acadêmica se deve, em grande parte, para um modelo de trabalho que se apoia em uma visão estanque entre as esferas pessoais/íntimas e profissionais/públicas, sem a preocupação com a construção de espaços dentro e fora da universidade que dêem conta das exigências do cotidiano e, particularmente, o *maternar* e/ou a responsabilidade afetiva do cuidado.

Enquanto todas fazem referências a alguns professores, colegas de pós-graduação ou de departamento, a vida familiar aparece de forma desigual: Pontes (2014) e Schwarcz (2005) não citam nem seus companheiros ou filhos, Lea (2010), que se concentra quase totalmente na descrição minuciosa de suas atividades acadêmico-profissionais, também faz rápidas referências à vida privada – como sobre a existência de um “companheiro” (Caio Navarro de Toledo) na descrição de sua defesa de doutorado (LEA, 2010, p. 18) ou menciona um afastamento da pesquisa de campo frente à sua gestação (LEA, 2010, p. 20) –, e Novaes (2010, p. 16), que também identifica seu vínculo materno²⁰.

A busca de estabelecer um balanço sobre as conquistas e os insucessos, as expectativas e as realizações, despertam considerações sobre o legado que representa a trajetória exposta pela narrativa²¹.

Procurei apresentar aos leitores deste 'Memorial', um relato objetivo das minhas atividades. Optei por este estilo temendo que a emoção tomasse conta da narrativa dos fatos. Relendo o 'relatório', acho que até exagerei nessa preocupação e meus sentimentos contidos pouco revelam sobre as paixões que permearam esta vivência relatada de forma um tanto glacial. Por isso optei por apresentar uma (IN)CONCLUSÃO que permita uma viagem de retorno ao início deste texto (CAPELATO, 2006, p. 75).

Qualquer trajetória intelectual envolve interesses, descobertas, desejos, paixões, empenho, avanços e recuos, interlocução, mudanças de rumo, retomadas de antigos trajetos e muito mais. Os interesses, inicialmente, podem não parecer muito claros e consistentes, mas aos poucos vão se delineando mais nitidamente. São muitas as atividades que vamos assumindo ao longo da vida e, quando vistas à distância, podem demonstrar uma coerência antes não imaginada. (...) É o esforço de reflexão para a redação do memorial que permitirá desvendar se há, efetivamente, consistência entre a formação teórica, a pesquisa e à docência, nas diferentes fases da vida acadêmica (NOVAES, 2006, p. 3).

O memorial que se segue é fruto de um trabalho, nem sempre fácil, de reflexão a respeito dos rumos de uma carreira universitária realizada com empenho e envolvimento e, como tal, parte fundamental do meu processo pessoal de constituição enquanto indivíduo e cidadã. Um dos maiores desafios na elaboração deste documento foi o de manter a necessária objetividade e um cuidadoso senso crítico, de forma a documentar o desenvolvimento de uma trajetória, a qual tanto evoluiu em torno de temáticas conectadas como mergulhou nos desafios de sua época. Embora balanços como estes sejam ocasião profícua para a reflexão, estas tarefas também nos estimulam a reavaliar cada passo dos trabalhos realizados, rever as tarefas ainda não concretizadas, bem como enfrentar os frutos dos caminhos trilhados (MACHADO, 2010, p. 2).

O acerto de contas com o tempo está presente em quase todos os memoriais, quando as narradoras apresentam um balanço, seja na conclusão ou introdução, sendo características as referências à cinco temáticas básicas: a reflexão sobre os ganhos acumulados (e eventualmente as perdas sofridas), os agradecimentos aos antecessores e contemporâneos, os projetos futuros, a reflexão sobre a escrita autorreferenciada e, ainda, a avaliação da trajetória.

Tal balanço, concluindo naquele momento um ciclo que se fecha, muitas vezes estabelece relação entre a obra construída e a pesquisadora enquanto pessoa e intelectual, reforçando, a partir das lembranças das vivências acadêmicas, das temáticas e objetos de trabalho escolhidos, e das realizações alcançadas, uma mútua influência entre o vivido e o estudado, sua importância, relevância e possibilidades.

(IN)Conclusões

O memorial propõe ao autor-narrador um acerto de contas com o tempo, onde este escolhe quais pontos deseja demonstrar ao leitor, tendo a possibilidade de construir uma narrativa ampla, com reflexões sobre grandes feitos ou trivialidades, expressando o poder de escolha sobre a dinâmica do texto, que pode assumir uma dimensão mais cartesiana ou hermenêutica, embora não de forma estanque, no encontro entre a assertividade do concurso e a abstração da memória.

Por mais que o edital determine o que o documento deva conter – um texto que expresse de forma objetiva a trajetória intelectual e profissional –, não é estabelecido o que não pode constar, espaço que permite o exercício da narratividade, a inserção do subjetivo e a estetização da escrita, reafirmando a natureza dual desta fonte, que é tanto burocrática quanto pessoal.

A partir dessas narrativas, ainda pouco exploradas enquanto objeto de pesquisa, quer pelas chaves analíticas de classe, raça ou gênero, quer por outras abordagens, talvez seja possível a compreensão de diferentes concepções do “eu” e das formas como ele é inserido no espaço acadêmico e social.

Para além de traços de personalidade de cada uma e das escolhas narrativas feitas para a estruturação do documento, acreditamos que a experiência com o desenvolvimento da pesquisa de campo e a utilização do inevitável “diário de campo” aproximam as antropólogas de uma escrita autorreflexiva, que, mesmo quando se pretende objetiva, faz concessões ao íntimo e pessoal, e que, embora se apropriem de formas distintas do *ethos* antropológico, se caracterizam por suas perspectivas pessoais como exemplos distintos de auto-etnografia.

As historiadoras, para quem se apresentam como experiências mais significativas a pesquisa documental e bibliográfica, tendem a ser mais contextualistas, inclusive como reflexo de seus referenciais teórico-metodológicos sobre a escrita de si, e que para a maioria dos casos aqui abordados o giro linguístico se apresentou de forma nuançada, resultando em exercício mais próximos a ego-história e sua ênfase maior no campo profissional do que no mundo privado.

As questões de classe, raça e gênero são apontadas aqui a partir de vestígios de memória autobiográfica feminina, no interior de instituições com estruturas que

ainda apresentam características relevantes de elitismo, tradicionalismo, misoginia e patriarcalismo.

No caso das mulheres, percebemos que a condição de gênero e a posição social possuem um peso maior na escrita do texto do que a de raça, fazendo com que certas indagações surgissem e se colocassem como grande desafio: o que seria uma narrativa feminina? O que podemos considerar como uma marca discursiva da situação de classe ou da condição de gênero? Em que medida o silêncio sobre a questão racial é um componente geracional? Responder de forma definitiva tais questões, mesmo que seja algo possível, transcende os objetivos do presente artigo, mas referenciá-las permite mantê-las como um ponto constante de reflexão no trabalho com as fontes.

Um primeiro aspecto que se destaca é que todas as autoras-narradoras aqui abordadas têm origem social de classe média e alta, nenhuma é negra ou indígena, embora algumas trabalhem com antropologia de grupos indígenas ou com questões de gênero como ponto relevante em suas pesquisas.

O segundo aspecto refere-se ao fato de que esses relatos constroem uma determinada memória da universidade e de sua forma de institucionalização, além de serem documentos públicos. Quando tratam de dimensões pessoais, os documentos fazem referência à rede de relações nas quais o autor-narrador está inserido e permanece relacionado, o que pode influenciar na maneira como este – que aqui, em particular, trata-se de interlocutoras mulheres – poderia utilizar tal espaço como algo “pessoal” o suficiente para referir-se às situações de exclusão, assédio, conflitos etc²².

Portanto, mesmo com as modificações ocorridas e a abertura, com o passar dos anos, para o desenvolvimento de relatos mais pessoais, escrever sobre a condição de ser mulher na universidade e seus espaços ainda continua sendo difícil e, muitas vezes, visto como algo dispensável, pelo receio de provocar conflitos e preconceitos diversos.

Acreditamos que, no futuro, caso sejam estabelecidos processos de abertura dos quadros superiores da universidade a uma sociedade mais plural, serão possíveis os desdobramentos de outros estudos com o mesmo tipo de fontes e que permitirão encontrar resultados ainda mais amplos e diversos.

Assim resta, a partir de tais caminhos e possibilidades, problematizar sempre e mais tanto a escrita do campo quanto a grafia da vida.

NOTAS

- *. Este artigo é resultado de pesquisa realizada com o apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Proc. 2016/19014-0.
1. Algumas das questões desenvolvidas ao longo do artigo foram apresentadas de forma inicial em SILVA (2018) e SILVA; VIEIRA (2019).
 2. Sobre os arquivos e acervos de docentes nas universidades, vide Campos (2014). Delgado-Garcia (2018, p. 8-9) afirma que as referências utilizadas para as pesquisas sobre o método biográfico narrativo de professores universitários partem da trajetória profissional, enfatizando distintos eixos: a vida profissional, a vida privada, a vida institucional, a socialização profissional, a transformação biográfica, os incidentes críticos, o conhecimento da profissão, e a cultura da profissão.
 3. Entre diversos trabalhos sobre os memoriais acadêmicos destacamos: Câmara; Passeggi (2008 e 2012), Passeggi; Souza (2008), Passeggi; Souza; Vicentini (2011), Passeggi; Silva (2010), Rego (2014), Silva (2015a e 2015b, 2017a e 2017b), Silva; Monteagudo (2017).
 4. Waizbort (1998, p. 80-81), citando Martin Kohli, frisa as necessárias funções de referência e a valoração das narrativas do passado. Lista seis dimensões valorativas evocadas para se contar uma história de vida: a criação autônoma (o self-made-man); a orientação de uma meta; a dimensão institucional (como carreira); a procura (e a ênfase nas mudanças); o jogo (resultado de um paralelograma de forças exteriores) e a autorreflexão (problematizando a continuidade e o eu). Tal lista não engloba todas as possibilidades, mas mostra a diversidade das soluções narrativas possíveis e reafirma de que modo a escrita e a análise de memoriais suscitam mais problemas do que respostas. Os temas da escrita autobiográfica entre antropólogos podem ser relacionados ao conceito de auto-etnografia e, entre os historiadores, à ego-história. Sobre a experiência de campo, a auto-etnografia e a escrita autobiográfica de antropólogos, vide Brandão (1992), Bruner (1986), Ellis (2004), Jones; Adam; Ellis (2013), Lima (1997), Okely; Kallaway (1992), Piña (1988 e 1991), Raab (2013), Reed-Danahay (1997), Versiani (2005). Sobre a ego-história e a escrita autobiográfica de historiadores, vide Aurell (2006, 2008, 2014 e 2015), Dintenfass (1999), Dosse (2011), Gossman (1994), Muniz Júnior; Silva (2019), Nora (1994), Paul (2011 e 2014), Popkin (1996, 1999 e 2005).
 5. Barros (2011) analisa vinte e quatro memoriais, tanto de livre-docência quanto de titularidade, de professores da Faculdade de Letras (FFLCH-USP) e do Instituto de Biociências (IB-USP) entre 1970 e 2010, buscando identificar características próprias de um gênero discursivo específico. O trabalho tem inegáveis méritos mas peca, em nossa opinião, em quatro aspectos: o anacronismo ao não levar em consideração as diferenças temporais na construção dos memoriais ao longo de quatro décadas, que podem acarretar diferentes formas de estruturação e narrativa; a desconsideração do pertencimento de campo intelectual como determinante na forma narrativa e nos referenciais de identidade, onde, por exemplo, o grupo da literatura e linguística teria uma relação com o texto diferente do grupo da biologia e ecologia; a suposta homogeneidade do lugar de enunciação do candidato ao cargo de professor livre-docente e de titular, que na realidade são revestidos de diferentes níveis de prestígio e poder; e finalmente, a ausência de qualquer matriz de gênero, raça ou classe na análise do material.
 6. Destaque-se a particularidade das universidades paulistas, nas quais existe o título de professor livre-docente, que antecede a titularidade e cujos procedimentos do concurso são muito semelhantes aos desta, oferecendo a possibilidade de comparação entre os memoriais de professores que fizeram ambos os concursos e, assim, podem ter mantido ou alterado suas escolhas de forma e estilo e os conteúdos das narrativas.
 7. Os memoriais da UNICAMP, portanto, foram obtidos pela doação dos narradores de seus textos digitalizados, o que eliminou parte da dimensão física dos documentos e refletiu as

disponibilidades e os interesses dos professores contatados, pois a imensa maioria enviou os arquivos enquanto alguns se recusaram e outros afirmaram que não tinham mais cópias de tais documentações.

8. Situa-se no prédio da FFLCH e reúne fontes documentais relativas a faculdade, sendo elas: documentações burocráticas (atas, memoriais, contratos, currículos, registros de entrada e saída, anuários, teses, dissertações), material audiovisual e áudio que estão em diversos formatos (físico ou digital), fotografias, livros, revistas, microfilmes que fazem parte de corpo documental nacional e internacional, além das dissertações e teses até 2015 (a partir desta data passaram a serem disponibilizadas no banco de teses online da universidade).
9. Não é raro que trechos inteiros dos memoriais de Livre-Docência sejam reutilizados nos de Titularidade, caracterizando um tipo de autoplágio, o que se deve ao fato de que tais trechos são entendidos como mais informativos do que analíticos e, portanto, inalteráveis, ao mesmo tempo em que indicam que para o narrador a relação entre a *mesmidade* e a *ipseidade* se manteve estável no período que separa ambas as narrativas.
10. Quando analisado o ano de conclusão de graduação de cada acadêmica, o ano de defesa de sua titularidade e o espaço temporal entre as duas datas percebe-se que todas se formaram entre 1970 e 1980, e demoraram em média trinta e três anos entre a graduação e a titularidade.
11. Sobre egodocumentos, vide Amelang (2005), Maingueneau (2008) e Aristizabal (2012).
12. “Decerto que o memorial acadêmico não pode postular para si a exclusividade de um gênero; mas situa-se muito próximo de toda a narrativa memorialística e, sobretudo, da autobiografia. Por sua indefinição, ele permite a aproximação com essas formas narrativas, embora, por outro lado, marque uma certa diferença, a ser creditada às exigências contingentes de sua fatura” (WAIZBORT, 1998, p. 78).
13. Nod Miller e David Morgan, em um artigo intitulado *Called to account: the CV as an autobiographical practice*, identificam as da narrativa autorreflexiva presente no *Curriculum Vitae*: “1. Apresentar-se como um *sincere performer* e não de maneira que seja inaceitável ou inapropriada pelos padrões societários; 2. Estabelecer e manter um *front* (informações e dados) detalhado e não trivial; 3. Dar espaço para comunicações menos comuns e rotineiras (*dramatic realization*); 4. Respeitar a cultura acadêmica fornecendo informações que se situem além dos aspectos quantitativos e qualitativos, no sentido goffmaniano de *idealization*; 5. Incluir ou não determinados itens, como *marital status*, por exemplo; 6. Não deturpar os fatos, ou seja, incluir, por exemplo, *fictitious articles, books*; 7. Não mistificar aspectos fora do que é rotinizado no CV; 8. Apresentar-se como um acadêmico, portador de um *academic self*, membro de uma comunidade” (NASCIMENTO; NUNES, 2014, p. 1079).
14. Destaca-se ainda não só a necessária utilização da norma culta e seu registro formal, cujo domínio se traduz em prestígio, mas também a recorrente presença de jargões e termos técnicos, como uma metalinguagem própria à sua área de estudo.
15. “Assim destaco nesta memória um dos momentos em que meu pai, ainda jovem, procurava esquecer a pobreza e as tristezas, superando-as com os demais colegas funileiros em carros reformados, em vestes femininas, saindo as ruas em cursos no Carnaval. Esses registros fotográficos me impressionavam muito e se mantiveram em minha memória como alegorias de um passado distante, quando meu pai que conheci como um homem triste e amargurado, ainda podia sorrir” (IOKOI, 2010, p. 15). Ou ainda: “Meu pai morreu nesse período (meados da década de 1970, quando a narradora havia sido presa no DOI-CODI acusada de subversão e após ser solta fora obrigada a apresentar-se mensalmente junto ao DEOPS-SP até o julgamento) provocando em mim um sentimento de perda irreparável e de culpa por não tê-lo compreendido e apoiado como devia. Meu amor por ele foi pouco explicitado e nossos conflitos e conversas deixavam resíduos de amargura. Investi no trabalho toda a energia de que podia dispor e

procurei articular as funções de professora ao dever de bem ensinar os estudantes pobres das periferias” (IOKOI, 2010, p. 22).

16. Colégios Vocacionais, também chamados de Ginásios Vocacionais, foram parte de um projeto pioneiro de educação na rede pública paulista, entre 1962 a 1969, que apresentavam uma proposta pedagógica inovadora, com aulas ocorrendo em período integral, conteúdos amplos e métodos de ensino e de avaliação que enfatizavam a criatividade e a participação pessoal, assim como o desenvolvimento do pensamento crítico.
17. A questão étnica também aparece pouco, exceto em alguma referência às origens imigrantes (RAGO, 2003, p. 7; FERLINI, 2007, p. 6), sendo que a origem judaica de Schwarcz não recebe nenhuma referência e a herança britânica de Lea somente é identificada no início do texto, por suas recordações de infância e formação, sendo de alguma forma repudiada, quando pede naturalização brasileira.
18. Escolhemos, pelas características das fontes, uma delimitação a partir de uma percepção binária da memória evocada em relação aos papéis socialmente validados como masculino e feminino. “Para Paul Thompson, há diferenças quando se enquadra o gênero na memória. Os homens têm uma tendência em falar da vida como sua, sendo os sujeitos de suas ações. Em contraposição, as mulheres utilizam verbalizações típicas, calcadas sobre as relações sociais ao incluir nas suas histórias de vida pedaços das histórias de outras pessoas, usando mais frequentemente o *nós*. Para as mulheres, são importantes as relações afetivas e humanas representadas por aquilo que elas construíram com os outros, o companheiro, os filhos, enquanto o homem centra-se nas suas realizações individuais” (ALMEIDA, 1998, p. 54-55). Sobre gênero e autobiografia, vide Bell (1993).
19. “Semelhante a quem se vinga do que foi rotulado como o ‘puramente feminino’, as mulheres reorganizaram temas ideológicos em novas formas de prática e de discurso que, muito obviamente, não obedecia a nenhum pressuposto, mas nasceu da necessidade de trabalhar com o que a cultura havia estabelecido como campo de mulheres e legitimou como preocupações femininas. As mulheres adotaram o que pode ser entendido como uma estratégia bricolage, produzindo novos assuntos públicos a partir de antigos papéis e funções tradicionais. Se a sociedade definiu o privado como a quintessência da esfera feminina, as mulheres transformaram os assuntos privados em debates políticos e em intervenções” (SARLO, 2005, p.188-189).
20. Curiosamente, Iokoi (2010, p. 43-44), que identifica de forma bastante minuciosa seus pais e seus irmãos, listando inclusive os nomes de todos, guarda para si os nomes de seus filhos e qualquer consideração sobre a experiência da maternidade.
21. Esse balanço com o tempo passado é recorrente, como por exemplo, no memorial de Livre-Docência em Teoria e Análise do Texto, de 1994, onde José Luis Fiorin afirmava: “Minha vida não tem os lances audazes dos heróis, os grandes sacrifícios dos santos, as inquietações lancinantes dos gênios, a sensibilidade exacerbada dos artistas, a argúcia dos sábios, os sucessos sociais dos que ‘receberam as batatas’. Quase toda a minha vida se passou dentro de escolas. Analisando-a, verifico que sou um mestre-escola. ‘Verdade é que ao lado dessas faltas coube-me a boa fortuna’ de não ter que exercer trabalho rotineiro, de não ter estudado apenas em escolinhas de bairro, de não ter ficado totalmente no olvido, de não ter sentido o menosprezo dos colegas, de não ser considerado um irresponsável, de nunca deixar de ser lembrado para uma série de encargos, de não ser visto como pessoa mesquinha, desleal, interesseira, de não ser olhado como mau profissional, de não deixar de publicar coisas que tiveram boa acolhida. Enfim, não fui Mozart, estive sempre mais para Salieri: não recebi a graça da genialidade, fui operoso, mas, em compensação, tive a desdita de receber o dom de reconhecer onde estava a marca da inteligência. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí (deste balanço) quite com a vida. E imaginará mal, porque ao (chegar a este ponto da sinfonia), achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa (deste movimento de negativas): não tive

filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria” (FIORIN, 1994, p. 131, apud BARROS, 2011, p. 173).

22. Em uma entrevista para Márcia Regina Tosta Dias e Anna Maria Martinez Corrêa o filósofo Nilo Odália considerava sobre suas experiências na UNESP: “Eu sempre digo três coisas, eu infelizmente conheci meus professores e meus colegas em três níveis: como professor, como presidente da Associação dos Docentes [da UNESP] e como diretor, e esse conhecimento foi horrível. Você conhece as pessoas de forma diversa como colega é uma coisa, como presidente da Associação é outra e como diretor é outra e, especialmente aqui na reitoria. É horrível” (ANHEZINI, 2015, p. 19, nota 16). Outro texto que mostra as tensões entre colegas de instituição e profissão se dá pela avaliação de Antônio Candido e de Carlos Guilherme Mota sobre a contribuição historiográfica de Sérgio Buarque de Holanda, por ocasião da escolha deste para receber o Prêmio Juca Pato, em que o primeiro afirma que o autor de *Tentativas de Mitologia* aparece no livro como o crítico e o pensador erudito que o coloca como “a mais completa organização de historiador que o Brasil conhece”, enquanto o segundo, desconsiderando a criação, em 1962, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), vaticina que “quanto à passagem de Buarque pela USP, considero-a superficial. Viveu nela durante um dos períodos da história do Brasil mais favoráveis, quando poderia ter articulado uma das melhores equipes acadêmicas do país, à semelhança do professor Florestan Fernandes [...]. Ficamos sem um núcleo de estudos e pesquisas à altura do Instituto Torcuato de Tella, da Argentina, ou Colégio de México, ou École Pratique, da Sorbonne. Ficou-se, na USP, a se ver baleias...” (CARVALHO, 2017, p. 714-715). Nenhum dos memoriais pesquisados, masculinos ou femininos, apresentam animosidades contra desafetos que, sem dúvida, surgem ao longo da carreira universitária.

REFERÊNCIAS

Fontes

ALBIERI, Sara. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2013.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em História). Instituto de Filosofia, e Ciências Humanas, Campinas: Universidade de Campinas - UNICAMP, 2002.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2006.

FERLINI, Vera Lucia Amaral. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2007.

IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2010.

LARA, Silvia Hunold. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em História). Instituto de Filosofia, e Ciências Humanas, Campinas: Universidade de Campinas - UNICAMP, 2009.

LÊA, Vanessa R. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em Antropologia). Instituto de Filosofia, e Ciências Humanas, Campinas: Universidade de Campinas - UNICAMP, 2010.

MACHADO, Maria Helena P.T. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2010.

NOVAES, Sylvia Caiuby. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2010.

PONTES, Heloisa André. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em Antropologia). Instituto de Filosofia, e Ciências Humanas, Campinas: Universidade de Campinas - UNICAMP, 2014.

RAGO, Luzia Margareth. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em História). Instituto de Filosofia, e Ciências Humanas, Campinas: Universidade de Campinas - UNICAMP, 2003.

SAMARA, Eni De Mesquita. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2000.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2004.

Bibliografia

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulheres e Educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

AMELANG, James A. De la autobiografía a los ego-documentos: un forum abierto. *Cultura, Escrita y Sociedad*, Madri: Universidad de Alcalá, n. 1, 2005.

ANHEZINI, Karina. Arautos da História da historiografia: as disputas por um conceito de historiografia nas cartas de Amaral Lapa enviadas a Nilo Odália. *Revista Patrimônio e Memória*, São Paulo: UNESP, v. 11, n. 1, p. 4-21, jan-jun, 2015.

ARISTIZABAL, Catherine. *Autodocumentos hispanoamericanos del siglo XIX: fuentes personales y análisis histórico*. Berlim: LIT Verlag; Hamburger Lateinamerikastudien, 2012.

AURELL, Jaume. Autobiography as unconventional History: constructing the author. *Rethinking History: Journal of Theory and Practice*, London: Routledge, v. 10, p. 433-449, 2006.

AURELL, Jaume. *Theoretical perspectives on historians' autobiographies: from documentation to intervention*. New York; London: Routledge, 2015.

AURELL, Jaume. Del logocentrismo a la textualidad: la autobiografía académica como intervención historiográfica. *Edad Media: Revista de Historia*, Espanha: Universidad de Valladolid, n. 9, p. 193-222, 2008.

AURELL, Jaume. Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel. *História*. Tradução Wilton C. L. Silva. São Paulo: Unesp, v. 33, n. 1, p. 340-364, 2014.

BARROS, Mariana Luz Pessoa de. *O discurso da memória: entre o sensível e o inteligível*. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado) – Departamento de Linguística; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo.

BELL, Susan Groag; MARILYN, Yalom. Introduction. In: BELL, Susan Groag; MARILYN, Yalom. *Revealing lives: autobiography, biography, and gender*. Albany: State University Of New York Press, 1990, p. 1-13.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Diário de campo: a antropologia como alegoria*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRUNER, Edward M. Ethnography as narrative. In: TURNER, Victor Witter; BRUNER, Edward M. *The Anthropology of experience*. Illinois: Urbana; Chicago: University of Illinois, 1986, p. 139-155.

CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição. O gênero memorial acadêmico no Brasil: concepções e mudanças de uma autobiografia intelectual. In: *XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. Natal: UFRN, 4 a 7 de set. Anais, 2012. Disponível em: <http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/1517-ARTIGO-GELNE-2012-SandraCXCamara-Passeggi.pdf>. Acesso em: 27 abr.2014.

CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial acadêmico: investigando sua gênese. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. São Paulo: Paulus, 2008.

CAMPOS, José Francisco Guelfi. *Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo*. São Paulo, 2014. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo.

CARVALHO, Raphael Guilherme de. Tentativas de mitologia (1979), escrita de si e memória de Sérgio Buarque de Holanda. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: FGV, v. 30, n. 62, p. 701-720, 2017.

DELGADO-GARCIA, Manuel. La metodología biográfica narrativa y posibilidades en el ámbito del docente universitario. *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales*, Argentina: Universidad Nacional de La Plata, v. 8, n. 2, p. 1-15, 2018.

DINTENFASS, M. Crafting Historians' lives: autobiographical constructions and disciplinary discourses after the Linguistic Turn. *The Journal of Modern History*, v. 71, p. 150-165, 1999.

ELLIS, Carolyn. *The ethnographic I: a methodological novel about autoethnography*. Walnut Creek. California: Alta Mira Press, 2004.

EVANGELISTA, Marcela Boni; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Da terra ao corpo: lutas e conquistas de gênero. *METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos*, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 2, 2018.

GOSSAMAN, Lionel. History as (auto)biography: a revolution in historiography, In: DONALDSON-EVANS, Mary; FRAPPIER-MAZUR, Lucienne; PRINCE, Gerald. *Autobiography, History, rhetoric*. Amsterdam: Rodopi, 1994, p. 103-129.

JONES, Stacy Holman et al. *Handbook of autoethnography*. New York: Left Coast Press, 2013.

LEJEUNE, Phillippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LIMA, Roberto Kant de. *A antropologia na academia: quando os índios somos nós*. Niterói: EDUFF, 1997.

MUNIZ JÚNIOR, João; SILVA, Wilton C. L. Virtudes epistêmicas e performance na escrita de si de Nelson Werneck Sodré. *Revista Outros Tempos*, São Luis (MA): UEMA, v. 16, n. 28, p. 26-47, 2019. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/690. Acesso em: 20 jun. 2020.

NASCIMENTO, Juliana Luporini do; NUNES, Everardo Duarte. Quase uma auto/biografia: um estudo sobre os cientistas sociais na saúde a partir do Currículo Lattes. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, p. 1077-1084, 2014.

NASCIMENTO, Juliana Luporini. Uma (con)figuração social: cientistas sociais, antropólogos, sociólogos e cientistas políticos em saúde no Brasil. Campinas, 2011. Tese (Doutorado) - Departamento de Medicina Preventiva e Social; Faculdade de Ciências Médicas; Universidade Estadual de Campinas.

NORA, Pierre. *Ensaio de ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1989.

OKELY, Judith; CALLAWAY, Helen. *Anthropology and autobiography*. New York: Routledge, 1992.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Eliseu Clementino de; VICENTINI, Paulo Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista*, Belo Horizonte: UFMG, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (org.). *(Auto)biografia: formação, territórios e saberes*. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (org.). *Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-128.

PAUL, Herman. Self-images of the historical profession: Idealized practices and myths of origin. *Storia della Storiografia*, Países Baixos: University of Leiden, v. 59-60, p. 157-170, 2011.

PAUL, Herman. What is a scholarly persona? Ten theses on virtues, skills, and desires. *History and Theory*, Connecticut: Wesleyan University, v. 53, p. 348-371, 2014.

PIÑA, Carlos. *La construcción del "si mismo" en el relato autobiográfico*. Chile: FLACSO, n. 383, 1988.

PIÑA, Carlos. Sobre la naturaleza del discurso autobiográfico. *Anuário Antropológico/88*. Brasília: Editora UNB, 1991.

POPKIN, J. D. Historians on the autobiographical frontier. *The American Historical Review*, Oxônia: Oxford University Press, v. 104, p. 725-748, 1999.

POPKIN, J. D. *History, historians & autobiography*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

POPKIN, J. D. Ego-histoire and beyond: contemporary french historian-autobiographers. *French Historical Studies*, Carolina do Norte: Duke University Press, v. 4, n. 19, p. 1139-1167, 1996.

RAAB, Diana. Transpersonal approaches to autoethnographic research and writing. *The Qualitative Repor*, v. 18, n. 21, p. 1-18, 2013. Disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1516&context=tqr>. Acesso em: 16 mar. 2018.

REED-DANAHAY, Deborah. *Auto/Ethnography: rewriting the self and the social*. Oxford; New York: Berg, 1997.

REGO, Teresa Cristina. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 58, p. 779-800, 2014.

SAFATLE, Vladimir. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In: *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. São Paulo: Autêntica, 2015, p. 102-120.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Edusp, 2005.

SILVA, Wilton C. L. Quando a experiência acadêmica se transforma em experiência de escrita: memoriais acadêmicos como autobiografias. *Cadernos de História*, Mariana: UFOP, v. 9, p. 86-106, 2014.

SILVA, Wilton C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis: PPGH/UDESC, v. 7, n. 15, p. 103-136, 2015.

SILVA, Wilton C. L. Para além da ego-história: memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa autobiográfica. *Patrimônio e Memória*, Assis: UNESP, v. 11, p. 71-95, 2015.

SILVA, Wilton C. L. Saber se inventar: o memorial acadêmico na encruzilhada da autobiografia e do egodocumento. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, v. 15, p. 44-67, 2016.

SILVA, Wilton C. L. Brilho etéreo de arquivos e lembranças: algumas questões sobre arquivos pessoais e biografias. *Diálogos*, Maringá: UEM, v. 21, p. 32-43, 2017.

SILVA, Wilton C. L. Jogo de titular: questões de gênero em memoriais acadêmicos de titularidade de antropólogas (USP/UNICAMP, 2000-2015). Comunicação oral. Anais da 31ª. *Reunião Brasileira de Antropologia*. Brasília: UNB, 2018. Disponível em: http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1539477260_ARQUIVO_COMUNICACAOORALRBA2018_JogodeTitular.pdf. Acesso em: 02 jul. 2019.

SILVA, Wilton C. L.; MONTEAGUDO, José Gonzales. Cartesianos o Hermeneúuticos: el memorial académico como forma de autobiografia docente en Brasil. *Cuestiones Pedagógicas*, Sevilla: Facultad de Ciencias de la Educación, v. 25, p. 133-144, 2017.

SILVA, Wilton C. L.; VIEIRA, Rafaela Duarte. De lá para cá: classe, raça e gênero em narrativas autobiográficas de antropólogas em memoriais acadêmicos (USP/UNICAMP, 2004-2014). *Amazonica: Revista de Antropologia*, Belém: UFP, v. 11, n. 1, p. 59-81, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/6695>. Acesso em: 15 jun. 2020.

TOMASSINI, Cecilia. *Ciencia académica de varone y mujeres em dos disciplinas del conocimiento dentro de la Universidad de la Republica*. Montevideo: Universidad de la Republica, 2013.

VELHO, Léa; LÉON, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. *Cadernos Pagu*, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, v. 10, p. 309-344, 1998.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

WAIZBORT, Leopoldo. Para uma sociologia do memorial acadêmico - um fragmento. *Literatura e Sociedade*, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 3, p. 77-82, 1998.

Wilton Carlos Lima da Silva é Professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis, e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Livre-Docente e Doutor em História pela UNESP de Assis. Pós-Doutor em História, Mestre em Sociologia e Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduado em Complementação Pedagógica em História pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Coordenador do MEMENTO – Grupo de Pesquisa de Memórias, Trajetórias e Biografias da UNESP, câmpus de Assis.

Como citar:

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Escrita de si com e sem reservas: memoriais acadêmicos femininos de titularidade (USP – UNICAMP, 2000-2015). *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 2, p. 192-220, jul./dez. 2020. Disponível em: pem.assis.unesp.br.